

CORPOS FEMININOS (SOBR)ESCRITOS NA POÉTICA DE MARIA DO CARMO FERREIRA

Rodrigo Felipe Veloso¹

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.47646>

FERREIRA, Maria do Carmo. *Poesia reunida: Cave Carmen, Coram populo, Quantun satis*. Goiânia: Martelo, 2024.

Maria do Carmo Ferreira nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 21 de dezembro de 1938. Mudou-se com a família para Belo Horizonte, ainda adolescente, e, posteriormente se graduou em Letras, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nos anos de 1970, cursou o mestrado em Literatura Comparada na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos. Logo em seguida, retornou ao Brasil e resolveu residir em São Paulo, onde trabalhou como redatora na agência de publicidade de Décio Pignatari. Em 1974, mudou-se para o Rio de Janeiro, a fim de trabalhar na Rádio MEC, sendo criadora, pesquisadora, redatora e coordenadora de programas literários. Nos anos de 1980, mudou-se para Niterói (RJ), e por lá, estreitou os laços com a religião católica.

Vale destacar que a poeta publicou seus livros tardiamente, conforme ela mesma confidenciou no poema “Entrevista”: “Poesia é o que faço. / Sou inédita em livros. / Tenho sessenta e um anos/ e uma centena e meia/ de poemas, que fadados/ a me representarem/ nas minguanças, não cheias, / revelam-me o bastante, (...)” (Ferreira, 2024c, p. 32-33).

Todavia, escrevia poemas desde a adolescência. A trilogia de Maria do Carmo Ferreira *Cave Carmen*, *Coram populo* e *Quantun satis* foi organizada por Fabrício Marques e Silvana Guimarães e conta com ilustrações e grafismo de Caio Borges, bem como aborda temas como o feminino, a memória e as questões identitárias. Embora não desejasse nenhuma visibilidade social por ser uma “pessoa altamente reservada”, reclusa das badalações literárias, a sua poesia é reconhecida por dar voz às experiências das mulheres, especialmente no que se refere à corporeidade, à ancestralidade e à resistência cultural.

Seus textos apresentam uma linguagem poética densa e imagética, frequentemente permeada por metáforas ligadas à natureza e ao corpo humano, estabelecendo um diálogo profundo com o universo sensorial e emocional. A poeta se destaca como uma figura que, por

¹ Pós-doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor no curso de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Brasil. E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>.

meio da literatura, questiona e subverte as normas impostas às mulheres na sociedade patriarcal, reivindicando a subjetividade e a liberdade feminina.

A produção de Maria do Carmo Ferreira é um marco dentro de um contexto literário que busca resgatar vozes femininas e destacar sua contribuição para a poesia brasileira contemporânea. A poeta ao tentar conceituar (sem definição pronta e acabada), está em (trans) formação: “um poema é um poema é/ um poema é um poema/ cada um cada um/ raro é ser para sempre” (Ferreira, 2024c, p. 36).

Por meio de seus versos, ela construiu uma obra que transcende o individual para se conectar com o coletivo, contribuindo para a expansão do olhar sobre o papel das mulheres na literatura e na sociedade. Em “Orelha de pau”, a poeta descreve como se liga à poesia: “poesia para mim/ é como a língua do pé:/ o meu módulo/ o meu código/ o meu hobby/ minha tv” (Ferreira, 2024b, p. 86).

Murilo Rubião nos anos de 1967 teve contato com a poeta através do poema “Meretrilho” que segundo ele havia uma latente percepção feminina das criações do concretismo. A partir disso, Rubião arrebatado com o poema, a colocou em contato com os poetas concretistas Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos, que publicaram o referido poema na edição número 5, da Revista *Inventário*, organizada por eles.

A obra poética de Maria do Carmo Ferreira é marcada pela exploração da subjetividade feminina e pela fusão entre corpo e memória. Em sua escrita, o corpo não é apenas um veículo biológico, mas um espaço de inscrição de histórias, afetos e experiências que moldam a identidade. A autora entrelaça o íntimo e o coletivo, tornando a experiência feminina um campo privilegiado para experimentar temas como desejo, opressão, liberdade e ancestralidade.

Na poesia de Maria do Carmo Ferreira, corpo e memória se apresentam como metáforas centrais que revelam as complexidades da existência feminina. O corpo é visto tanto como local de prazer; quanto de dor, tanto como objeto de controle; quanto de resistência, conforme se observa em “Um corpo e seus cognatos”: “o corpo dela era um jardim fechado, / fonte selada o corpo. / Os olhos abismavam-se em seu lago, / espelho, os olhos dela, desse horto. / (...) O dorso dela, (...) / riscava de horizonte o seu contorno. / (...) O templo dela, o corpo, sua cabala (...)” (Ferreira, 2024b, p. 14).

A autora sugere que o corpo carrega as marcas da história pessoal e coletiva das mulheres. Memórias de violências, amores, maternidades e perdas são inscritas na carne, traduzindo uma experiência que transborda a individualidade: “vago ao sabor da vida. / Vida (novos fora) nada” (Ferreira, 2024c, p. 53). Esse verso exemplifica como o corpo é utilizado como um palimpsesto no qual as vivências se sobrepõem, mas nunca se apagam completamente.

A noção de incompletude revela para a poeta, uma fragmentação do “eu” que necessita do “outro” para se sentir inteira, mesmo que a morte seja um empecilho nesse processo de juntar as partes separadas: “e se ocorrer que a morte nos separe/ o todo restará vivendo em parte:/ metade na outra parte que nos coube, / vivendo, sem morrer, pela metade” (Ferreira, 2024c, p. 100).

A memória na poesia de Maria do Carmo Ferreira não é apenas pessoal, mas também coletiva e intergeracional. As mulheres de sua linhagem aparecem como presenças que orientam, inspiram ou assombram a voz poética: “Minha mãe me deu seus olhos, / minha avó, seu silêncio. / Eu, apenas um grito abafado” (Ferreira, 2024c, p. 52). Nesse contexto, a memória feminina é vista como um legado que carrega tanto forças, quanto vulnerabilidades, moldando o presente da voz feminina descendente de outras vozes de mulheres que foram silenciadas e, que, portanto, nesse momento, tenta falar, mas se percebe, mais uma vez, incomunicável.

Maria do Carmo registra por meio da poesia tal sentimento e visão, bem como “tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas imagens particulares, cujo modelo me é fornecido por meu corpo” (Bergson, 1999, p. 15). Essa experiência-corpo é inscrita como ritual necessário de aprendizagem à medida que se vive na relação social com o outro e tal processo se conjuga na formação de uma identidade a ser formada cotidianamente.

Nessa perspectiva, a poeta Maria do Carmo Ferreira aborda o corpo como um espaço de contradições, refletindo sobre os papéis impostos às mulheres pela sociedade patriarcal, visto que a voz feminina soa como: “corpo sobrescrito/ com palavras de alma/ que minha alma excitam/ e meu corpo acalmam/ fogo que suscita/ soletradas águas/ que meu corpo crispam/ e minha alma aplacam/ vermelho explodindo/ meus azuis nostálgicos/ que se prosificam/ num silêncio alto” (Ferreira, 2024b, p. 142).

O desejo feminino é uma temática recorrente, tratado de maneira franca e poética. O corpo aparece como espaço de autoafirmação, descoberta e proibição: “Não me casei, não pude/ desfrutar de namoros mais ousados/ até completar os 30,/ já fora e longe de casa./ Nunca respostas para tais perguntas/ que ainda me sufocam/ neste sem tempo/ espaço.” (Ferreira, 2024b, p. 81). O ato de reivindicar o desejo e o prazer é, na poesia de Maria do Carmo Ferreira, um gesto de resistência contra a moralidade repressora.

Ao mesmo tempo, a autora não foge de temas como a violência contra a mulher, o envelhecimento e a medicalização do corpo feminino. Esses aspectos aparecem como formas de controle e silenciamento que o corpo feminino enfrenta ao longo da vida: “(...) estas mãos que posaram giocondas/ sem o lastro e o rastro de beleza/ que já possuíram, hoje são sintomas/ do que o passado pôde sobre elas. / Não mais o riso fácil de outrora:/ mil e uma versões de primavera” (Ferreira, 2024b, p. 161).

A linguagem da autora é densa, marcada por imagens sensoriais e uma musicalidade que reflete a tensão entre liberdade e repressão. Sua poética combina o intimismo confessional com um olhar crítico sobre as estruturas de poder que moldam a experiência feminina: “camisola de cambraia/ de cor-de-rosa de cheiro/ que de alvíssaras roçaste/ sanguíneas rosas bissextas/ (...) ai de quem caí em tua alfaia/ açulando a sós fogueira/ longa louca leve gaia/ camisola de cambraia!” (Ferreira, 2024b, p. 143).

O corpo aparece regularmente associado a elementos da natureza, como rios, árvores e terra. Essa fusão sugere uma conexão profunda entre o feminino e o ciclo da vida, aos ritos de passagem: “Meu ventre é terra seca, / mas guarda sementes que não morrem/ (...) extrair o amor/ do cotidiano/ e gozar ao dia/ a quota do ano/ [...] encarar o amor/ sem a metafísica/ a

menos que a meta/ em física aberta/ calcular o amor/ contemporizar/ nesse cor-a-corpo/ o carpe de amar” (Ferreira, 2024c, p. 157)” . A memória, amiúde, associada ao corpo, é trabalhada através da simbologia do tempo, o passar das estações ou a erosão do amor. Essas imagens reforçam a ideia de que o corpo feminino é marcado pelo tempo, mas também capaz de resistir à sua passagem: “de pé na soleira/ de uma porta estreita/ me aguardava: mútuo/ reconhecimento/ sentindo na pele/ que nos abraçava (sem dizer palavra) / para todo o sempre” (Ferreira, 2024b, p. 41).

A poesia de Maria do Carmo Ferreira posiciona o corpo e a memória femininos como espaços de resistência. Ao transformar as dores e alegrias das mulheres em matéria poética, a autora dá voz a experiências recorrentemente silenciadas, criando uma literatura que é, ao mesmo tempo, pessoal e política: “falta paixão em sua existência. / falta esse amar-se e doar-se aos outros. / falta o infantil deslumbramento/ com o mundo que nos vive e em que vivemos. / falta a coragem a decisão” (Ferreira, 2024a, p. 26).

Esse corpo que fala e expressa poeticamente sua realidade remonta aquilo que Henri Bergson (1999) menciona com relação à matéria e corpo, como artifício destinado a mover objetos, e, ao mesmo tempo, ele se torna um centro de ação; nesse caso, ele não poderia fazer nascer uma representação. No entanto, se o corpo é um objeto capaz de exercer uma ação real e nova sobre os objetos que o cercam, ele deve ocupar ante eles uma situação privilegiada, ou seja, os objetos que se articulam ao corpo refletem, assim como um espelho, a ação possível do corpo sobre eles: “Esta imagem ocupa o centro; sobre ela regulam-se todas as outras; a cada um de seus movimentos tudo muda, como se girássemos um caleidoscópio” (Bergson, 1999, p. 20).

No poema “Corpo a corpo”, fica perceptível essa relação: “extrair o amor/ do cotidiano/ e gozar ao dia/ a quota do ano/ defender o amor/ da monotonia -/ aos monos o tônus/ que no amor vicia/ (...) calcular o amor/ contemporizar/ nesse cor-a-corpo/ o carpe de amar” (Ferreira, 2024c, p. 157). O amor como centro e ligação ao corpo humano e é por meio dele que outros sentimentos se perpetuam, situação privilegiada, que reflete uma condição natural humana de completude e conjunção.

Ao reivindicar o corpo como lugar de fala, a autora subverte narrativas patriarcais que tentam reduzir a experiência feminina ao silêncio ou à subserviência. A memória coletiva das mulheres aparece como uma força transformadora, capaz de desafiar opressões e abrir caminhos para novas formas de existência: “Carrego comigo todas as mulheres, / vivas e mortas, / que construíram o que sou/ (...) Minha mãe, dona Maria, / como foi triste e perpétuo/ viver sem pedir socorro/ salvo à nossa mãe do céu” (Ferreira, 2024c, p. 56) .

O corpo da memória feminina sobredito na poesia de Maria do Carmo Ferreira é mais do que um tema; é o próprio coração de sua obra. A autora transforma as vivências do feminino em uma poética que celebra a resistência, a complexidade e a riqueza da experiência das mulheres por meio do tempo e gerações. Através de sua escrita, a autora não apenas resgata memórias, mas também cria um espaço de afirmação para o corpo e a voz feminina na literatura contemporânea.

Assim, sem desejar compromisso com a fama e ou notoriedade literária, a poeta simplesmente escreve: “despida de pudor, / sobretudo autocrítica, deixo que a palavra escolha/

o próprio dizer, com o ritmo/ e a estrofação que lhe apraz” (Ferreira, 2024c, p. 48). Vencendo o silenciamento feminino e desafiando a sociedade patriarcal, a poesia de Maria do Carmo Ferreira se impõe como indispensável.

Referências

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o Espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERREIRA, Maria do Carmo. *Poesia reunida, livro 1*: Cave Carmen. Goiânia: Martelo, 2024a.

FERREIRA, Maria do Carmo. *Poesia reunida, livro 2*: Coram populo. Goiânia: Martelo, 2024b.

FERREIRA, Maria do Carmo. *Poesia reunida, livro 3*: Quantum satis. Goiânia: Martelo, 2024c.

Data de submissão: 01/03/2025

Data de aceite: 25/07/2025